

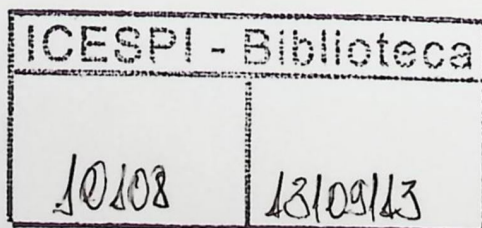
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JOÃO PAULO LEITE ROCHA

**COMO A DÚVIDA CARTESIANA NOS CONDUZ AO CONHECIMENTO CERTO
DO MUNDO EXTERIOR.**

*- Filosofia
- ICESPI - Trabalhos Monográficos.*

*cod 4484
100
R672e*



TERESINA

2012

JOÃO PAULO LEITE ROCHA

COMO A DÚVIDA CARTESIANA NOS CONDUZ AO CONHECIMENTO CERTO
DO MUNDO EXTERIOR.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia do
Instituto Católico de Estudos Superiores
do Piauí como obtenção do título de
Licenciatura Plena em Filosofia
Orientador: Prof. Ms. João César Sousa de Jesus

COMO A DÚVIDA CARTESIANA NOS CONDUZ AO CONHECIMENTO CERTO
DO MUNDO EXTERIOR.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia do
Instituto Católico de Estudos Superiores
do Piauí como obtenção do título de
Licenciatura Plena em Filosofia, sob a
orientação do Prof. Ms. Pe. Júlio Cesar
Sousa de Jesus.

TERESINA

2012

JOÃO PAULO LEITE ROCHA

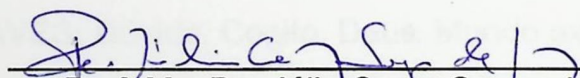
**COMO A DÚVIDA CARTESIANA NOS CONDUZ AO CONHECIMENTO CERTO
DO MUNDO EXTERIOR.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia do
Instituto Católico de Estudos Superiores
do Piauí como obtenção do título de
Licenciatura Plena em Filosofia.

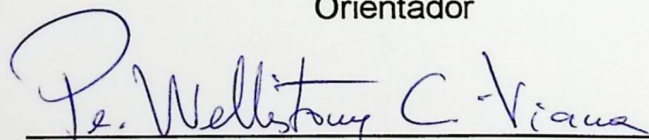
Orientador: Prof. Ms. Júlio Cesar Sousa
de Jesus.

Aprovada no dia ____ de ____ de 20 ____

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Ms. Pe. Júlio Cesar Sousa de Jesus
Orientador



Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana
Examinador

Prof. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho
Examinador

RESUMO

Essa monografia se situa no contexto das respostas filosóficas ao desafio cético e mostra como Descartes responde a tal desafio. Para tanto percorre os três primeiros capítulos da obra *Meditações Metafísicas* através dos quais pretendemos mostrar como, em primeiro lugar, Descartes assume a própria dúvida cética e a leva às últimas consequências. Em seguida mostramos como, partindo da própria dúvida, o pensamento se eleva a primeira certeza indubitável que é o conhecimento da existência do eu pensante, mas corre o risco de isolar-se em si mesmo, ou seja, o Eu se sabe como existente, mas continua sem saber nada do mundo exterior. Finalmente, podemos mostrar, seguindo Descartes, que a saída do isolamento está no voltar-se sobre si mesmo do Eu que encontra em seu interior a ideia de perfeição que conduz à certeza indubitável da existência de Deus e, conseqüentemente, à certeza sobre o mundo exterior, a saber, que é indubitável e certo que existe um mundo fora de nós e que podemos conhecer as coisas que compõem este mundo. Cada um desses momentos constitui um capítulo da monografia, de tal modo que o nosso estudo se apresentará em três capítulos, no primeiro trataremos das coisas dubitáveis e mostramos os motivos pelos quais o filósofo põe em dúvida todas as coisas; no segundo abordaremos o eu pensante como uma realidade indubitável, ou seja, que se pode duvidar de todas as coisas menos da própria existência do ser que duvida. No terceiro e último capítulo concluímos com a indubitabilidade da existência de Deus o qual é, por sua própria natureza, garantia da possibilidade de conhecermos o mundo exterior. Podemos chegar a esta compreensão da existência de Deus porque somos imperfeitos, mas temos dentro de nós a ideia de perfeição. Ora, eu sendo imperfeito não posso assim, me remeter ao perfeito, mas sendo este Deus perfeito, ele não permitirá que eu caia no erro da existência das coisas.

PALAVRAS CHAVES: Dúvida. Cogito. Deus. Mundo exterior

ABSTRACT

This monograph lies in the context of philosophical responses to the skeptical challenge and shows how Descartes responds to this challenge. To do so runs the first three chapters of the book *Metaphysical Meditations* by which we intend to show how, in the first place, Descartes assumes the very skeptical doubt and leads to the ultimate consequences. Then we show how, starting from the self doubt, the thought rises to first certainty is that undoubted knowledge of the existence of the thinking self, but runs the risk of isolating itself, or if I know how the existing but still knowing nothing of the outside world. Finally, we can show, following Descartes, that the output of the insulation is in turn about himself than I lying inside the idea of perfection that leads to certainty beyond doubt the existence of God and hence the certainty about the world abroad, namely that there is no doubt and certainly there is a world outside of us and that we can know the things that make up this world. Each of these moments is a chapter of the monograph, so that our study will be presented in three chapters, the first deal of things doubtful and show the reasons why the philosopher puts in doubt all things, in the second approach the thinking self as an undoubted fact, ie, that one can doubt all things under the very existence of that doubt. In the third and final chapter concluded with unquestionable the existence of God which is by its very nature, ensuring the possibility of knowing the outside world. We arrive at this understanding of God's existence because we are imperfect, but we have within us the idea of perfection. Now, I can not be so imperfect, I refer to perfect, but this God being perfect, it will not allow me to fall into the error of the existence of things.

KEYWORDS: Doubt. Cogito. God. World Pool.

Agradeço ao Conselho Superior de Dados, a Comissão
de Fomento do Ensino de Dados, Alfredo
Santos, aos meus familiares e aos meus
professores de maior respeito: prof. George
Albuquerque.

Aos meus familiares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 05

I AS COISAS ENTRE MÓS 10

1. Os Sentidos 15

2. O pensamento humano 16

3. Os limites da racionalidade 19

4. O Deus filósofo 17

II A INDUSTRIAÇÃO DO EU PENSAnte 18

1. De como a indústria tornou a racionalidade do eu pensante 18

2. O pensamento do eu pensante 21

III A EXISTÊNCIA DE DEUS COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERIOR 23

1. A prova da existência de Deus 26

2. Como se dá o acesso à realidade do mundo exterior 28

CONCLUSÃO 29

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 30

Agradeço em primeiro lugar a Deus, a Diocese de Parnaíba na pessoa de Dom Alfredo Scháffler, aos meus familiares e aos meus professores de modo especial o prof. Gerson Albuquerque.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
I. AS COISAS DUBITÁVEIS	10
1. Os Sentidos	15
2. O argumento dos sonhos	16
3. Os Entes Matemáticos	16
4. O Gênio Maligno	17
II. A INDUBITABILIDADE DO EU PENSANTE	18
1. Da dúvida sobre todas as coisas à indubitabilidade do eu pensante	18
2. O solipsismo do eu pensante	21
III. A EXISTÊNCIA DE DEUS COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERIOR	23
1. A prova da existência de Deus	24
2. Como se pode resolver o problema do mundo exterior	26
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no contexto da metafísica de René Descartes conforme explicitada em suas obras *Meditações Metafísicas* – os três primeiros capítulos – e o *Discurso do Método*. Nossa pretensão é fazer uma leitura atenta de algumas partes dessas obras de Descartes o que significa que nos esforçamos para que o sentido da obra permanecesse respeitado. Não seremos originais a não ser no sentido de que a elaboração dessa monografia proporcionou a nós conhecimentos que não possuíamos, portanto novos pelo menos para nós.

Bebemos em muitas fontes, suportes para nossa ainda vacilante capacidade interpretativa. No entanto tentaremos mostrar como é possível passar da dúvida mais radical acerca do nosso conhecimento sobre a existência das coisas para o conhecimento mais certo do mundo exterior, ou seja, dessas mesmas coisas. Nesse processo, é certo, nos encontraremos conosco mesmos.

Assim a monografia terá por título: “como a dúvida cartesiana conduz ao conhecimento certo do mundo exterior”. Essas três meditações serão, portanto, a base para a devida explicação da temática do trabalho que se dividirá em três capítulos.

O primeiro irá fazer um levantamento *das coisas que*, segundo Descartes, *se pode duvidar* e das razões apontadas para isso. Descartes levantou esta problemática da dúvida porque faltava na filosofia um fundamento seguro, ou seja, a filosofia encontrava-se exposta ao ceticismo, então nas bases em que ela se encontrava tudo poderia ser posto em dúvida, sendo que a dúvida servia para o indivíduo como um processo de libertação das falsas opiniões onde outrora formara, logo pode-se dizer que o ciclo de dúvidas são necessárias para se chegar a uma verdade indubitável das antigas opiniões que até então não tinha sustentabilidade para se firmar no juízo.

O segundo capítulo explicará a passagem da dúvida mais radical acerca de nosso conhecimento das coisas para a indubitabilidade de nosso conhecimento

acerca da *existência do eu [pensante] como mais certa do que a existência do próprio corpo*, pois pelo menos uma coisa que não pode ser colocada em dúvida: a realidade eu pensante. Ora, o simples fato de duvidar, que em si é um ato de pensar, nos dá a certeza de nossa própria existência.

E por fim, o último capítulo abordará *a possibilidade do conhecimento do mundo exterior*, onde para se chegar ao conhecimento deste faz-se necessário dizer que os sentidos pode nos enganar porque somos levados por um gênio maligno a duvidar de tudo, sendo que este EU que dúvida é imperfeito mas este tem uma ideia de perfeição, e esta perfeição só pode ser encontrada em Deus, logo Deus é verdadeiro, então em Deus pode-se chegar ao conhecimento da verdade, pois Ele nos dar a conhecer todas coisas, até mesmo o mundo exterior. Nisso se explicitará, portanto, a afirmação central de nossa monografia que é afirmar a importância da prova da existência de Deus, em Descartes, para o conhecimento, ou seja, se não se pode provar que Deus existe, não é possível superar a dúvida cética.

CAPÍTULO I

Observando-se a história do pensamento ocidental percebe-se que as especulações filosóficas concentram-se em determinados temas. Estes temas, discutidos nos diversos períodos, constituíram-se no que chamamos problemas filosóficos fundamentais, dentre os quais está o problema da possibilidade do conhecimento, também referido como problema do desafio cético.

Desde a Antiguidade grega, questões extremamente importantes como: o que é o conhecimento? É possível ao homem conhecer? Qual é o fundamento do conhecimento? Foram tratadas por uma disciplina filosófica que recebe hoje diversos nomes e que neste trabalho será designada por epistemologia.

A epistemologia é uma reflexão filosófica com o propósito de investigar as origens, as possibilidades, os fundamentos, a extensão e o valor do conhecimento.

Embora essa classe de problemas tenham sido objeto de reflexão dos filósofos desde a antiguidade, somente a partir da Idade Moderna a epistemologia surgiu como uma das disciplinas centrais da filosofia, e Descartes desponta como um dos que colaboraram de forma decisiva para esse surgimento, cujo propósito consistia em estabelecer as bases para um conhecimento seguro. Somos capazes de conhecer a verdade? Afinal, quais são as possibilidades do conhecimento humano?

Dependendo da resposta dada a tais questões, teremos duas correntes básicas e opostas na história da filosofia. O empirismo defende que todas as nossas ideias provêm de nossas percepções sensoriais. Ou, ainda, que nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos.

Nesse sentido, John Locke afirmava que, ao nascermos, nossa mente é como um papel em branco completamente desprovido de ideias, sendo que o vasto conjunto destas resulta da observação dos dados sensoriais, ou seja, da experiência. A outra corrente é o racionalismo, o qual se constitui numa doutrina que atribui exclusiva confiança na razão humana como instrumento capaz de

conhecer a verdade. Em outras palavras, o empirismo é a filosofia segundo a qual a objetividade e o conteúdo do pensamento nascem das percepções, enquanto o racionalismo é a filosofia para a qual a verdade tem como ponto de partida a independência do pensamento.

Descartes é a expressão filosófica do racionalismo por excelência. De fato, nesse filósofo francês se acentua o nível mais elevado, o caráter absoluto e universal da razão que, partindo do cogito, só com suas próprias forças, pode chegar a descobrir todas as verdades possíveis. Ele chega mesmo a recomendar: nunca nos persuadir senão pela evidência (clareza) de nossa razão. No que se segue pretendemos mostrar que Descartes não só responde o desafio cético como também supera o empirismo na medida em que mostra que, pela via da percepção, não temos nenhuma garantia acerca do que imaginamos conhecer do mundo exterior.

AS COISAS DUBITÁVEIS

O problema enfrentado por Descartes é de natureza epistemológica; não se trata de saber o que é o ser, mas como o ser pode ser conhecido, ou melhor, ainda, como o próprio conhecimento é possível. Desse modo, Descartes desloca o foco da filosofia da esfera do ser para a esfera do conhecer; da ontologia para a gnosiologia (epistemologia).

Podemos dizer que Descartes inaugura a discussão a respeito da crítica da ciência e do conhecimento. O ponto de partida de sua filosofia é o estabelecimento de um método no qual possa pautar-se para chegar à verdade.

O Discurso do Método e as Meditações Metafísicas, duas de suas obras mais notáveis, expressam as preocupações do filósofo com essa temática do conhecimento, sobretudo no que tange aos procedimentos para guiar a razão com o intuito de encontrar postulados claros e distintos para o conhecimento que temos acerca das coisas. Em outros termos o filósofo buscava uma verdade primeira que não pudesse ser posta em questão, convertendo a dúvida em método como esclareceremos adiante. Começa então duvidando de tudo:

* das afirmações do senso comum;

- * dos argumentos das autoridades;
- * do testemunho dos sentidos;
- * das informações da consciência;
- * das verdades deduzidas pelo raciocínio;
- * da realidade do mundo exterior;
- * da realidade de seu próprio corpo;

Ele só interrompe essa cadeia de dúvidas diante do seu próprio ser que duvida. Se eu duvido penso, se penso existo. O eu cartesiano é puro pensamento.

Para Descartes, esta é uma verdade absolutamente firme, certa e segura que, por isso, será adotada como princípio de toda a sua filosofia. Do cogito podemos extrair esta importante consequência. O pensamento (consciência) é algo mais certo do que a própria matéria corporal. Nota-se que é a partir do penso que ele conclui existo, mas não na forma de um silogismo e sim no sentido de que pensar e desistir, no que respeita ao eu pensante, se implicam um ao outro.

Descartes não joga por terra todos os saberes já cristalizados, mas propõe que seja retirado destes tudo aquilo que adquirimos de forma irrefletida, o que torna esses saberes inconsistentes, ou seja, retirar aquilo que impede a autocrítica como as certezas e os pré-juízos. Portanto, é preciso problematizar os saberes, lapidando o edifício da razão para que se possa restabelecê-los em bases sólidas.

Descartes considerava que o saber produzido até então carecia de bases seguras e, portanto, não podia resistir ao desafio cético. Por isso, a primeira tarefa da filosofia consistiria justamente em estabelecer essas bases. Nesse primeiro capítulo mostraremos os argumentos com os quais Descartes justifica a falta de fundamentos seguros para a ciência.

São dois os termos de maior relevância na vasta obra cartesiana. O primeiro deles é a proposta metodológica que se constitui no uso da razão para chegar à verdade; o segundo é a descoberta da noção de sujeito centrada na razão como resultado do cogito.

O que era preciso fazer, segundo Descartes, para garantir fundamentos seguros para o conhecimento? Aplicar metodicamente a dúvida considerando como incertas as impressões sensoriais e todas as noções adquiridas sobre os objetos materiais não tendo se contentado com as ciências que ensinavam no colégio. Para

tanto Descartes percorreu todos os livros que tratam dos saberes considerados os mais raros à sua época. O filósofo esperava compreender o caminho do pensamento humano, mas o que conseguiu foi ter mais dúvidas do que certezas. E mesmo a matemática, fundamentada no que para ele é de extrema importância em qualquer ciência comprometida com a busca da verdade – a clareza e a distinção – onde carecia de uma aplicação que não fosse um instrumento a serviço das artes mecânicas.

O bom senso é a coisa do mundo mais bem distribuída, porquanto cada um acredita estar tão bem provido dele que, mesmo aqueles que são os mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa, não costumam desejar tê-lo mais do que já o têm.

Não é provável que todos se enganem a esse respeito. Ao contrário, isso prova antes que o poder de julgar e distinguir bem o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens. Desse modo, a diversidade de nossas opiniões não se origina do fato de que alguns são mais racionais que outros, mas somente pelo fato de dirigirmos nossos pensamentos por caminhos diferentes e não considerarmos as mesmas coisas.

De fato, não é suficiente ter o espírito bom, o mais importante é aplicá-lo bem [...]. (DESCARTES, 2006, p. 10).

Descartes desencantou-se e, por isso, utilizou um procedimento próprio para guiar a razão. Um procedimento para guiar a razão com o intuito de encontrar postulados claros e distintos sobre as coisas e que não caíssem em contradições.

No discurso do método Descartes coloca, como problema central, a seguinte questão: como se deve proceder para encontrar a verdade? Sua preocupação é criar um método no qual possa se basear para que a razão não resvale para caminhos obscuros que o levem ao engano. E declara que seu “[...], propósito, portanto, não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que maneira me preoquepei em conduzir a minha”. (DESCARTES, 2006, p.11).

Há uma particularidade à dúvida cartesiana, é que ela não se confunde com a dúvida vulgar; a dúvida para ele deve ter estas características:

- 1) Ser hiperbólica, ou seja, ela deve ser tão geral e sistemática que não reste qualquer ponto ou situação que escape dela.
- 2) Qualquer coisa de que se possa duvidar deve ser tratada como sendo falsa.

- 3) A dúvida não deve ser confundida com algo circunstancial, mas entendida como uma atitude de um sujeito em relação a um objeto do conhecimento.

Assim, conforme Descartes, não devemos aceitar como certo nada que, antes, não tenha passado pelo crivo de nosso pensamento, o qual deve ser criterioso, isto é, não podemos ter, como fundamento, crenças, seja de que tipo forem; não se pode estabelecer juízos sobre pré-conceitos; e, principalmente, o resultado desse processo não deve ser passível de qualquer dúvida. Descartes chama esse tipo de pensamento de claro e distinto.

Descartes afirma que é preciso desconfiar destas percepções responsáveis pelos frequentes erros do conhecimento humano. Nessa afirmação entendemos uma rejeição a todo empirismo uma vez que, como definimos acima, é uma doutrina que vincula o pensamento às percepções de modo subordinado. De fato, em sua obra, Discurso do método, Descartes estabelece as regras básicas que, segundo ele deveria conduzir o espírito na busca pela verdade, como se pode notar, nem as regras nem os conhecimentos obtidos a partir delas são baseados na percepção. Eis as regras:

- 1) Regra da evidência: Só aceitar algo como verdadeiro se for absolutamente evidente por sua clareza e distinção.
- 2) Regra da análise: Separar cada uma das dificuldades surgidas em etapas para resolvê-las melhor.
- 3) Regra da síntese: Organizar o raciocínio partindo dos problemas mais simples para os mais complexos.
- 4) Regra da enumeração: Ver se nenhum aspecto do problema foi omitido a fim de que seja alcançada a absoluta segurança.

E por que a dúvida é um meio sem o qual não se poderia chegar a um conhecimento certo e verdadeiro? Porque a primeira evidência da falta de fundamento seguro para o saber era o desafio cético, ou seja, a filosofia encontrava-se exposta ao ceticismo. Nas bases em que ela se encontrava tudo poderia ser posto em dúvida. Desse modo, Descartes parte da dúvida cética mas procura ir além e fundar, na própria dúvida, as condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro. A dúvida serviria para o indivíduo como um processo de libertação das falsas opiniões que outrora ele formara como prejudgamentos. Logo, pode-se dizer que o ciclo de dúvidas é necessário para se chegar a uma verdade indubitável

acerca daquelas antigas opiniões que até então não tinham fundamentos, não tanto porque se evidenciavam como falsas, mas por que não se poderia saber se os conhecimentos que recebera eram verdadeiros ou falsos e como não havia base para se firmarem no juízo certas afirmações era necessário pôr em dúvida todas as coisas.

[...] a dúvida cartesiana, tendo por falso o que é apenas duvidoso, é <<hiperbólica>> (a palavra hipérbole é um termo de retórica que significa excesso, exagero). E esse exagero prepara e torna possível a certeza. A dúvida é um processo para chegar à afirmação, é uma dúvida metódica. (ALQUIÉ, 1980,p.65).

1. A dúvida dos sentidos

Na relação das coisas das quais se pode duvidar têm prioridade àquelas contidas na categoria do sensível, ou seja, tudo que nos é dado a conhecer pela via dos sentidos físicos do corpo pode encerrar engano. Por isso é correto denominar este tipo de conhecimento de sensível. Descartes chega mesmo a afirmar que todo conhecimento sensível é dubitável. E diz que os sentidos são tendenciosos ao erro.

Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram. (DESCARTES, 2000, p. 31).

Até então tudo o que fora apreendido, foi através dos sentidos; todos juízos emitidos não tinham fundamento em si mesmos, ou melhor, estavam expostos à dúvida, isso é devido à capacidade que estes têm, muitas vezes, de fazer-nos acreditar que o falso é verdadeiro, logo se percebe que tudo isto se dá através da pretensão de alcançar o conhecimento verdadeiro sobre o objeto. Tal processo se firma através da negação de todas as informações que até então poderiam ser consideradas verdadeiras; sendo que a negação de todas as falsas opiniões que tivera em meu juízo se fazem necessárias para se construir fundamentos que sejam seguros e confiáveis. Ora, se os sentidos não têm a capacidade de fornecer informações que sejam verdadeiras e seguras, então estes também devem ser colocados em dúvida.

2. O argumento dos sonhos

Ao levantar a questão do argumento dos sonhos, e dizer que até mesmo estes devem ser colocados em dúvida, impõe-se o seguinte questionamento: Estou acordado? Ou estou dormindo? Eu existo? São estas as perguntas que são postas diante dos sonhos; estes, muitas vezes, chegam a iludir, “[...] lembro-me de ter sido enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões”. (DESCARTES, 2000, p.33). O fato de não se saber se o que está se passando é real ou irreal, faz com que o filósofo imagine que muitas vezes pode-se participar do irreal sem sair do mundo real, ou de imaginar até a possibilidade da existência de um mundo que seja interior, pois todas as coisas que se veem quando se dorme também podem ser vistas quando acordados e ver as coisas reais como se fossem irreais. Faz-se com que surjam dúvidas, só que muitas vezes ao pensarmos estamos em um mundo real e estamos no mundo irreal.

3. Os entes matemáticos

Descartes vê uma perfeição onde não pode ser contestado, pois somente a geometria seria esta fosse capaz de fornecer informações que fossem cabalmente verdadeiras “[...] a geometria e as outras ciências dessa natureza, que só tratam de coisas muito simples e muito gerais, sem se preocuparem muito com se elas estão na natureza ou não estão, contêm algo de certo e indubitável”. (DESCARTES, 2000, p.35). Mas, no entanto ele constata que há uma possibilidades de até mesmo a geometria fornecer informações que não fossem verdadeiras pois poderia ele estar influenciado por um gênio maligno, onde este poderia leva-lo ao erro até mesmo da adição, subtração, multiplicação e divisão dos entes matemáticos, isto demonstra que até mesmo as ciências exatas devem ser colocadas em dúvidas pois um ser todo poderoso pode me levar ao engano de todas as coisas.

[...], quem me pode assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar, [...] e até, como por vezes julgo que os outros se equivocam, mesmo nas coisas que pensam saber com a maior certeza, pode ocorrer que ele tenha querido que eu me engane todas as

vezes que faço a adição de dois e três, ou que enumero os lados que um quadrado, ou que julgo alguma coisa ainda mais fácil, caso se possa imaginar algo mais fácil que isso. (DESCARTES, 2000, p.35-36).

4. O Gênio maligno

A primeira prerrogativa que vem a mente a respeito do gênio maligno é pensar que este ser não é bom, pois leva o indivíduo a ser enganado. Como é que pode um ser perfeito e verdadeiro levar alguém ao erro, isso de certa forma é inconcebível, inimaginável, somente um ser que não seja bom, mas malicioso, é que usará de todos os artifícios para nos levar ao erro de todas as coisas.

Nesse sentido, eis como se expressa Descartes: "suporei, pois, que há não verdadeiro Deus, que é a soberana fonte de verdade, mas certo gênio maligno, não menos astuto e enganador que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me". (DESCARTES, 2000, p.38).

Ora este ser enganador muitas vezes nos leva a acreditar veementemente através dos sentidos que todas as coisas que são exteriores a nós são verdadeiras questionar de todas as coisas que nos circundam: "Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas as exteriores que vemos não passam de ilusões e enganos de que se serve para surpreender minha credulidade". (DESCARTES, 2000, p. 38).

Assim, com esses quatro argumentos, Descartes aceita o desafio cético pois leva a dúvida às últimas consequências. Ao mesmo tempo, de certo modo, eleva o ceticismo para além do empirismo já que, no que concerne a via da percepção, a qual os empiristas designam por experiência, os céticos sempre têm razão quanto a impossibilidade de se conhecer seja o que for com segurança. O cético vence o empirismo, mas Descartes tem em mente uma outra via para estabelecer as bases seguras para conhecimento e vencer o cético. É disso que vamos começar a nos ocupar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

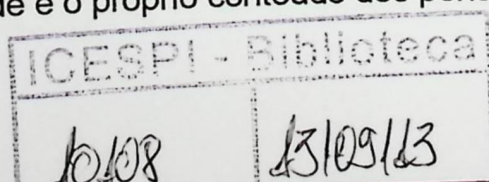
A INDUBITABILIDADE DO EU PENSAnte

Vimos, no capítulo anterior que o eixo em torno do qual gravita o pensamento filosófico de Descartes é a questão da dúvida como forma de se chegar ao conhecimento verdadeiro. Mostramos que para Descartes tudo que passava ao intelecto do exterior para o interior pela via da percepção era dubitável e, por isso, o melhor procedimento, isto é, o procedimento mais seguro para a ciência era considerar falso o que fosse pelo menos digno de dúvida. Outro ponto que destacamos é que, uma vez que tudo que chegava ao nosso intelecto tinha que ser colocado em dúvida, então podemos dizer que até então os cétricos saíam vitoriosos. Ainda fomos além disso quando afirmamos, com base nos argumentos de Descartes, que os cétricos sempre seriam vitoriosos contra o empirismo. Contudo, como já antecipamos e como ficará cada vez mais evidente, a dúvida cartesiana não é um fim em si mesmo, pois será na própria dúvida que Descartes encontrará o dado indubitável no *cogito* enquanto condição de possibilidade de se chegar ao conhecimento seguro e verdadeiro das coisas. O propósito desse capítulo é mostrar isso.

1. Da dúvida sobre todas as coisas à indubitabilidade do eu pensante.

Descartes afirmava que, para conhecermos a verdade é preciso, inicialmente, colocarmos todos os nossos conhecimentos em dúvida, questionando tudo para criteriosamente analisarmos se existe algo na realidade que possamos ter certeza.

Fazendo uma aplicação metódica da dúvida, o filósofo foi considerando como incertas todas as percepções adquiridas sobre os objetos materiais. E prosseguiu assim, cada vez mais colocando em dúvida a existência de tudo aquilo que constitui a realidade e o próprio conteúdo dos pensamentos.



Por fim, estabeleceu que a única verdade totalmente livre de dúvida era a seguinte: meus pensamentos existem. E a existência desses pensamentos se confunde com a essência da minha própria existência como ser pensante. Disso decorre a célebre conclusão de Descartes: "*cogito ergo sum*" ou "penso, logo existo".

Para Descartes, esta é uma verdade absolutamente firme, certa e segura que, por isso, deveria ser adotada como princípio de toda a sua filosofia. Do cogito podemos extrair esta importante consequência. O pensamento (consciência) é algo mais certo do que a própria matéria corporal. Nota-se que é a partir do penso ele conclui pela indubitabilidade do existo. Eis o que John Cottingham expressa a esse respeito:

Descartes sai procurando por algo absolutamente certo, que esteja além da menor mais radical dúvida, para servir como fundamento de seu conhecimento. Ele rejeita as proposições evidenciadas pelos sentidos. As preocupações céticas tradicionais sobre alucinações, loucura, sonhos e deuses enganadores convencem-no de que não há certeza ali. E ele aterrissa em um fundamento de certeza capaz de resistir até mesmo a suas preocupações a respeito de um deus enganador: ele existe. (COTTINGHAM, 2009, p. 171).

Da própria dúvida, portanto, surge a certeza da existência do eu pensante. O ponto de partida para se chegar ao conhecimento da existência indubitável do eu pensante é a própria dúvida, uma vez que é da dúvida que, segundo Descartes, emerge a certeza do ser duvidante que, enquanto eu pensante se constitui em conhecimento seguro sobre si mesmo. Em suma, da própria dúvida surgem todas as certezas para se chegar ao conhecimento verdadeiro da existência do próprio eu.

Descartes não duvidava somente por duvidar, duvidava por que queria chegar a um conhecimento certo e verdadeiro das coisas e só por isso ele rejeitava tudo que pudesse lhe trazer o mínimo de incerteza e em meio aos questionamentos céticos, ele foi capaz de extrair um fundamento seguro para o conhecimento: a existência do próprio eu.

Então, depois de colocar todas as coisas em dúvida, o filósofo percebe que as opiniões que tinha formado desde sua infância carecia de algo sólido, seguro e indubitável, pois até o presente momento sua filosofia estava enredada nas antigas certezas que até então se tinham formado em seu juízo; era necessário, pois, rever tudo aquilo que eu achava ser verdadeiro. Era preciso proceder de tal modo a abalar

as convicções arraigadas na minha mente. Esse procedimento é a dúvida metódica, com o qual afastamos o engano.

E, até mesmo o próprio corpo, matéria sensível está sujeito ao erro, exceto o pensamento. Pelo simples fato de pensar a existência é verdadeira.

Há já algum tempo me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera grande quantidade de falsas opiniões como verdadeiras e que o que depois fundei sobre princípios tão mal assegurados só podia ser muito duvidoso e incerto; de forma que me era preciso empreender seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que até então aceitara em minha crença e começar tudo de novo desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo firme e constante nas ciências. (DESCARTES, 2000, p. 29).

Descartes depois de colocar em dúvida tudo o que existia, tirou uma conclusão que há pelo menos uma coisa da qual não se pode duvidar que é a existência do eu pensante : "Se a própria dúvida existe, então o pensamento, do qual a dúvida é uma modalidade, existe, e eu mesmo, que duvido, logo penso, existo necessariamente, ao menos como ser pensante". (SILVA, 1993, p.52). Então se pode afirmar que não posso duvidar da minha própria existência pois a própria dúvida me leva a pensar que existo. É pois através da dúvida que emerge uma certeza, eu existo pelo fato de pensar.

Ao explicitar o caráter de indubitabilidade do eu pensante, faz-se imperativo mencionar que todo aquele que pensa existe em função do pensamento, pois é inconcebível imaginar um ser pensante duvidar da própria existência enquanto pensa, pois todo aquele que pensa, no ato mesmo de pensa se sabe existente. Conttingham ao fazer menção à existência de um ser que pensa se expressa da seguinte forma:

Descartes diz que antes de saber que ele pensa e, portanto, existe, ele deve conhecer não apenas o que são o pensamento, a existência e a certeza, mas também a proposição geral de que é impossível para aquilo que pensa não existir. Seu ponto parece ser que a inferência de sua existência a partir de seu pensamento utiliza aquela proposição geral como uma premissa suprimida. A inferência não é "Penso, logo existo"; e sim "Penso, e tudo o que pensa deve existir, logo existo". (CONTTINGHAM, 2009, p. 181)

É assim que se exprime a filosofia cartesiana a respeito do eu pensante, cujo sua essência da existência de um ser está no fato de pensar, ou melhor, deve-

se levar em conta um fator principal na existência o pensamento como uma condição sem o qual não dá para um ser, existir.

Pensar pressupõe a existência, ou seja, pensar e existir estão interligados na medida em que o ser seja inteligível, tenha capacidade de raciocinar ou tenha razão, então pode-se dizer que somente através do pensamento posso afirmar a minha existência.

Penso, logo existo significa também existo enquanto penso. A vinculação entre pensamento e existência é total precisamente porque o pensamento é a única realidade acerca da qual posso verdadeiramente afirmar que existo. (SILVA, 1993, p. 55).

2. O solipsismo do eu pensante

Existe uma realidade dentro do cogito (eu pensante)? Para Descartes há uma realidade dentro de mim, ou melhor, um mundo subjetivo que acontece pelo processo de introspecção dos objetos, onde o sujeito cognoscente ao fazer uma apreensão de objeto, pode até certo momento acreditar que aquele objeto é, na forma que ele se apresenta a sua mente, mas, no entanto, pode-se perceber que todas as coisas que são exteriores a mim pode existir.

Assim declara o filósofo que nenhuma de nossas crenças está assegurada, nem mesmo as matemáticas, céu, terra, nem espírito, nem corpo extenso, entretanto de que não existo. Acontece que eu sou se me engano, duvido, penso, existo.

O problema do solipsismo do eu pensante é uma possibilidade de erro, sobretudo em pensar que Deus pode estar nos enganando, ora, sendo Deus onipotente e verdadeiro, como pode ocorrer, entretanto, que nos enganemos. É que o erro não é algo absolutamente real que depende de Deus, mas apenas uma carência em mim que estende a poder do livre arbítrio para além do meu entendimento. Minha vontade ou poder de julgar é livre e infinita; eu me engano quando a estendo as coisas que não entendo. Assim o erro tem o nada por princípio metafísico – o que justifica Deus desta carência que me é própria e a liberdade por princípio psicológico que é em mim, ao contrário, uma infinita perfeição.

Igualmente, o que queremos destacar de modo veemente é que se por um lado a hiperbolização da dúvida conduz à certeza acerca da existência do eu pensante, assegurando-nos de que há pelo menos um conhecimento seguro, por outro lado, o simples conhecimento que o eu pensante tem de si como existente não implica ainda nenhum avanço acerca do cético que nos desafia a demonstrar a possibilidade do conhecimento acerca do mundo exterior. O eu pensante, nos termos exposto até aqui, sabe de si mesmo, da sua própria existência, mas isso nada diz acerca da existência do mundo exterior e das coisas que estão contidas nele. Esse é o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

A EXISTÊNCIA DE DEUS E A POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERIOR

No capítulo anterior analisamos a importância do cogito no processo da construção de uma verdade inexorável que é a existência do eu pensante, o que nos revelou que o ser só é em razão do pensamento, ou melhor, é inimaginável pensar na existência de um ser se não for por meio do pensar, pois o ato de pensar pressupõe a própria existência do ser.

Neste capítulo faremos uma abordagem sobre a prova da existência de Deus como decorrente da indubitabilidade da existência do eu pensante e sua função determinante na superação do desafio cético que exige dos filósofos uma garantia sobre a possibilidade do conhecimento do mundo exterior. Neste primeiro momento queremos nos ater sobre a versão cartesiana da prova ontológica da existência de Deus, e no segundo momento abordaremos como esta existência dá garantias acerca de nosso conhecimento do mundo exterior.

Neste primeiro momento, onde iremos abordar a prova da existência de Deus, faz-se necessário dizer que a objetividade de ciência tem como base uma essência objetiva, ou seja, que possa assegurar a existência e a natureza de seu objeto. Esta ideia e a de Deus, e a existência de Deus verdadeiro irá converter a necessidade subjetiva das ideias em necessidade objetiva.

As ideias enquanto imagem das coisas diferem entre si pela maior ou menor riqueza de seu conteúdo. A ideia de um ser eterno e infinito é, dentre todas a mais rica. A evidência das ideias claras e distintas que o cogito ensina estabelece que deve haver tanta realidade na causa quanto em seu efeito. É preciso, pois que essa ideia de perfeição que reconheço em mim provinha, não de mim, mas de um ser bastante poderoso e real para dar conta da riqueza mesma de sua ideia. Pelos efeitos, temos a primeira prova da existência de Deus.

Por outro lado, eu que existo e que tenho a ideia de um ser perfeito, de que posso tirar minha existência quer tenha começado a existir em certo momento, quer tenha sempre existido, já que a conservação de um ser exige tanto uma causa quanto sua criação, não pode ser de mim mesmo, pois eu me teria dado a fortiori todas as perfeições que conheço. É preciso, pois que seja um ser perfeito, e esta perfeição exclua a hipótese de um Deus enganador.

Fica estabelecida a objetividade de nossas ideias e, mesmo, aparentemente, a constante certeza do conteúdo delas.

Neste segundo momento vamos explicitar as considerações de Descartes sobre a existência do mundo exterior e como é possível chegar à compreensão deste.

O mundo exterior é uma realidade diferente do mundo interior, ou melhor, de um mundo introspectivo que se realiza através do pensamento; tudo o que se contempla do exterior, toma seu real lugar a partir do processo de introspecção, mas, afirma Descartes que não há nenhuma garantia de que ao objeto pensado corresponde uma realidade fora do pensamento, fora do cogito.

1. A prova da existência de Deus

Como sair do próprio pensamento e recuperar o mundo? Descartes lança mão, entre outras provas, da famosa prova ontológica da existência de Deus. O pensamento desse objeto – Deus – é a ideia de um ser perfeito que deve ter a perfeição da existência, senão lhe faltaria algo para ser perfeito. Portanto Deus existe. Se Deus existe e é infinitamente perfeito, não me engana. A existência de Deus é garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são reais. Portanto, o mundo tem realidade. E dentro da realidade do mundo, o meu próprio corpo existe.

Agora fecharei os olhos, taparei os ouvidos, distrairei todos os meus sentidos, [...] entretendo-me somente comigo mesmo, e considerando meu interior, tratarei de tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais familiar a mim mesmo. (DESCARTES, 2000, p. 57).

Descartes entra em processo introspectivo, e busca neste processo encontrar repostas que estejam em seu interior, ou melhor, somente dentro de si ele admitia encontrar respostas para suas inquietações a respeito da existência das coisas exteriores todas consideradas enganosas e indubitáveis pois quando o filósofo entra no processo de olhar para dentro de si mesmo, observa que todas as coisas exteriores são enganosas e que somente dentro de si pode ele encontrar uma resposta segura.

Mesmo duvidando de todas as coisas que nos são perceptíveis ao erro deve-se levar em conta uma realidade que em si encontra a sua própria essência de existir, o eu pensante, a sua existência se dá através do pensamento, pois somente esta realidade do *eu* que pensa não pode ser questionada, pois ao questionar o pensamento é indagar-se da própria existência, mas mesmo procurando conhecer as verdades últimas das coisas através da dúvida, Descartes encontra uma verdade inexorável que é a indubitabilidade do eu pensante, ora, mas ao afirmar que somente o eu pode existir devido a um processo de introspecção pode-se dizer que só existem as realidades internas, ou seja, afirmando esta proposição de que somente o que está dentro de pode existir então nega-se a possibilidade da existência de um mundo exterior a mim, outra prerrogativa que deve ser levada em consideração é verificação da possibilidade da existência de Deus, sendo que este existindo, também deve-se questionar sobre a existência de Deus, pois Deus pode-se manifestar e existir e existindo pode ser enganador então tudo me leva acreditar que todas as coisas que existem são meras ilusões.

Mas, a fim de poder suprimi-la totalmente, devo examinar se há um Deus, tão logo se apresente a ocasião; e, se achar que o há, devo também examinar se ele pode ser enganador; pois, sem o conhecimento dessas duas verdades, não vejo que possa jamais estar certo de alguma coisa. (DESCARTES, 2000, p. 60).

A ideia de Deus é algo que não brota do sujeito. Deus é uma substância perene, que não muda, autônoma, que tudo sabe e pode. Ora, o ser pensante não é causa de si mesmo mas Deus é, Deus é substância e o ser pensante também é, sendo que a diferença está que o primeiro (Deus) é substância infinita e o ser pensante é substância e substância finita, então um ser finito não pode ser ideia de um ser infinito pois não cabe vir de um ser imperfeito a ideia de perfeição, ou melhor, pois não cabe vim a ideia de perfeito do imperfeito.

Portanto, resta apenas a ideia de Deus, na qual é preciso considerar se há algo que não possa ter vindo de mim mesmo. Pelo nome Deus entendo uma substância, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente, e pela qual eu mesmo, e todas as outras coisas que existem (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas. (DESCARTES, 2000, p. 71-72)

E por fim Deus existe, pois um ser imperfeito não pode ter uma ideia de perfeição que assim não provenha de um ser que seja perfeito, pois sendo uma imposição de um ser perfeito pode o imperfeito chegar a compreensão do imperfeito.

[...], ainda que a ideia de substancia esteja em mim, pelo próprio fato de eu ser uma substância, eu não teria, contudo, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse não tivesse sido posta em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita. (DESCARTES, 2000, p. 72).

2. Como se pode resolver o problema do mundo exterior

Existência do mundo exterior se resolve com o problema da existência Deus pois sendo Deus um ser perfeito não pode ser enganador a ponto de fazer com que eu acredite que as realidades que sejam exteriores a mim sejam falsas, pois se assim fosse enganado este ser não seria perfeito e sim imperfeito.

Ora, então o que se percebe é que a existência do mundo exterior não é questionada ou muito menos interrogada, mas o que é questionado são as nossas sensações sobre este mundo o que se percebe é que talvez não há fora de nós qualquer realidade que seja tal como os nossos sentidos nos apresentam, pois estes nos enganam, e muitas vezes passam informações que nos deixam cheios de dúvida e, por consequente estes nos enganando não podem ser considerados como confiáveis. A esse respeito, vejamos :

Descartes não põe em causa a existência do mundo exterior; interroga-se apenas sobre a conformidade das nossas sensações à natureza do mundo e nota que não existe talvez, fora de nós, qualquer realidade que seja tal como os nossos sentidos a apresentam. (ALQUIÉ, 1980, p.65).

Jesus aponta a capacidade que os sentidos têm de nos fornecer muitas vezes informações que não podem ser aceitas pelo crivo da razão, ou melhor, nada

que os sentidos nos ofereçam pode ser considerado como seguro e verdadeiro pois é um conhecimento incerto sujeito ao engano, então tudo que for captado pelos sentidos estão sujeitos a erros. No entanto, as ideias, pensamentos que temos das coisas materiais que são apresentadas ao nosso intelecto não faz com que possa existir o mundo exterior, isso é devido a percepção que das coisas na esfera introspectiva, ou para melhor esclarecer, dizemos que conhecemos somente aquilo que é apresentado ao nosso espírito (razão) .

O conhecimento adquirido pelos sentidos é um conhecimento, de todo em todo, incerto. O que se concebe clara e distintamente nele? Nada, exceto que as ideias ou pensamentos das coisas materiais se apresentam ao meu espírito. Mas aqui, nada garante ao meditador a existência de um mundo exterior. (JESUS, 1997, p. 52).

E por fim pode-se dizer o que caracteriza a natureza do mundo é a matéria e o movimento (res extensa), em oposição a natureza espiritual do pensamento (res cogitans). O que se nota aí é uma valorização da razão, do entendimento, do intelecto.

Descartes admite as ideias inatas que são ideias de razão independentes das ideias que vêm de fora, formadas pela ação dos sentidos e das outras que nós formamos pela imaginação. São inatas não no sentido de o homem já nascer com elas, mas como resultantes exclusivas da capacidade de pensar.

São ideias claras e distintas, portanto, verdadeiras o nessa classe de ideias estão a ideia da substância infinita de Deus e a ideia da substância finita com seus dois grandes grupos: a res extensa e a res cogitans.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos o estudo sobre a parte da metafísica de Descartes, na qual ele trata de mostrar os fundamentos seguro para o nosso conhecimento acerca do mundo exterior, nos deparamos com uma realidade inarredável diante do fato de que ao usarmos somente os sentidos somos levados ao engano. Ora, uma vez que os sentidos nos enganando jamais devemos confiar novamente neles, assim nos adverte Descartes.

No entanto o que percebemos é que o ciclo de dúvidas às quais são submetidos os objetos pelo sujeito cognoscente se dá através de uma pretensão de conhecer o que realmente aquele objeto é. Mas depois de ter colocadas todas as que possam existir em dúvida Descartes conclui que somente uma coisa não pode ser colocada em dúvida- o pensamento- pois se penso existo, e se existo penso.

E por fim entramos na problemática da prova ontológica da existência de Deus, e de uma realidade que seja fora de mim, ou melhor, o mundo exterior, provamos a existência relatando que existe dentro de nós uma ideia de perfeição que é inata, inata não no sentido biológico, ou melhor, não é que nascemos com a ideia de Deus, mas inata no sentido de que as nossas ações são exclusiva do intelecto, com isso queremos dizer que por via intelectual somos capazes de compreender a ideia de perfeição que há em Deus, então este Deus sendo perfeito, não permitirá que eu me engane.

Parece bastante correta a posição de Descartes ao tomar como ponto de partida as objeções céticas acerca da nossa possibilidade de conhecer. É curioso notar que essa atitude de negar como sabido tudo que existe fora de nós, admitindo inclusive a possibilidade de que nada exista fora de nós, nos conduz a um processo de introspecção que nos lembra Santo Agostinho. Não podendo conhecer nada fora de nós, resta-nos então conhecermos a nós mesmos, a considerar o tipo de ser que somos e o significado de nossa existência.

Mas mais do que isso, ler esses três capítulos das *Meditações Metafísicas* do filósofo francês René Descartes, nos fez compreender que quando nos voltamos para nós mesmos, para o nosso interior, seguindo esse tipo de experimento que Descartes nos convida a experimentar, somos não só elevados para além das experiências que os sentidos nos proporcionam, pois o que encontramos na intimidade do nosso interior é a presença de Deus e, pela presença de Deus em nós, recuperamos a confiança em nós mesmos e reafirmamos a segurança que tínhamos perdido acerca do conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos rodeia e do qual somos parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALQUIÉ, Fernand. **A filosofia de Descartes**. Portugal, Brasil: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

COTTINGHAM, John. (Org.). **Descartes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

_____. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JESUS, Luciano Marques de. **A questão de Deus na filosofia de Descartes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

LARA, Tiago Adão. **Curso de história da filosofia: A filosofia ocidental do renascimento aos nossos dias**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia: Os filósofos do ocidente**. 8. Ed. São Paulo: Paulus, 1981.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes: A metafísica da modernidade**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

SCRIBANO, Emanuela. **Guia para leitura das meditações metafísicas de Descartes**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SKIRRY, Justin. **Compreender Descartes**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.